

Quote as: Ana Carvalho. “Entrevista com Anna Clara Petracca.” *AV Assemblies. Conversations on Sight and Sound*, edited by Ana Carvalho, Cornelia Lund, Sara Lua Ruíz, Oct. 2025, <https://www.fluctuating-images.de/projects-av-assemblies/>.



Entrevista com Anna Clara Petracca

Interview conducted by Ana Carvalho in the framework of “AV Assemblies. Conversations on Sight and Sound,” a project by Ana Carvalho, Cornelia Lund, and Sara Luna Ruíz.

- Então, se calhar começávamos por fazeres uma breve descrição. Para te apresentares e falares sobre o teu trabalho no contexto da performance audiovisual.

Está bem, bom, o meu nome é Anna Clara Petracca, eu sou brasileira, de Curitiba, no Sul do Brasil e também sou professora na Universidade da Maia e desde 2016 que eu pesquiso sobre a inscrição do corpo no vídeo através da performance audiovisual. Nos últimos anos, por assim dizer, também tenho estudado muito o campo da música eletrónica. Sendo que agora eu pretendo juntar tudo em projectos que unem mais essa pesquisa que começou lá atrás no cinema e que foi tomando outras formas, outros formatos principalmente, e outras estéticas também. Uni agora com essa pesquisa mais recente na música eletrónica.

Portanto, tudo começou com uma pesquisa mais genérica, por assim dizer, e mais concentrada no cinema, no documentário, e uma vontade de pesquisar sobre a vivência humana através do corpo.

Até que muito rapidamente introduzi as questões sobre género, sobre ser mulher. Foram questões também que são questionamentos pessoais e que acabaram por se refletir no meu trabalho artístico principalmente. Então, acho que num resumo é isso.

- Tu tens uma prática artística também enquanto performer?

No passado, o primeiro trabalho que eu fiz, era um filme documental que realizei em Lisboa durante o intercâmbio, entre a minha graduação no Brasil e o Mestrado, na (Universidade) Lusófona, de realização documental e esse filme foi, com outras pessoas, performando. Mas passado um tempo, eu comecei a desenvolver também trabalhos em que eu performava no vídeo, porque acabei por conhecer não só o movimento Fluxus mas depois também artistas que viraram referência: Hannah Wilke, Ana Mendieta, Carolee Schneemann, e isso acabou por permear não só

as minhas pesquisas, mas também as minhas experimentações no processo criativo. Eu sempre gostei muito de trabalhar sozinha também. É uma mistura entre tentar reproduzir ao máximo a minha intenção inicial, ter muito controle sobre o resultado final, e também ter muita abertura para fazer o que eu quisesse no meu processo criativo. Então, trabalhar sozinha é uma coisa que eu sempre gostei bastante, pelo menos para já.

- Tu tens um nome enquanto performer ou és sempre Anna Petracca?

Sempre Anna Petracca. Eu sou muito ruim a propor nomes artísticos e sempre foi assim. Acho que cheguei a assinar como Anna Clara Petracca e Anna Clara (o meu nome é Anna Clara), mas não sou boa a inventar nomes. Eu até penso muito no conceito das obras e nos nomes das obras, normalmente têm uma palavra só e é a palavra que define até o conceito e a ideia toda, mas o meu nome artístico é sempre o meu nome.

- Disseste que estavas a trabalhar no contexto da performance audiovisual, primeiro enquanto investigadora, e depois enquanto artista, desde 2015.

Sim, início de 2016. Foi no início do ano que eu fui para Lisboa, tinha uma ideia para fazer um documentário, que não tinha nada a ver com performance, tinha a ver com as aldeias de xisto abandonadas, etc. porque eu achava que era muito próximo de Lisboa. Depois descobri que era no Norte. Cinco horas aqui é muito diferente de cinco horas no Brasil, então eu tive de mudar e acabei por me abrir ao que eu estava sentindo no momento, pensando as relações que eu criava, porque eu também não passei muito tempo na cidade. Eu passei quarenta e poucos dias em Lisboa, fui com uma ideia pré-concebida, mas essa ideia já não fazia sentido. Acabei por pensar, o que é realmente significativo falar para mim o que eu tinha, o que eu realmente gostaria de pesquisar? Surgiu essa questão do corpo, principalmente por uma questão pessoal, que é uma coisa que eu tenho desde criança. É uma sensação de despersonalização. Desde criança, se eu passo muito tempo olhando no espelho, eu começo a sentir como se fosse uma terceira pessoa, só observando começo a não reconhecer certos traços. Parece que não me reconheço no espelho. Parece que aquele reflexo começa a virar uma forma estranha, uma forma esquisita e eu sempre achei isso muito curioso e a minha relação com meu corpo sempre foi muito separada, sempre dentro do que é possível ser uma pessoa dentro de um corpo e de ter essa separação. Então eu queria fazer esse documentário chamado “Corpo” justamente como forma de trabalhar essa questão, mas através de outras pessoas que, diferentes de mim, têm uma relação muito mais, não digo próxima - algumas sim, outras nem tanto - mas diferente da que eu sentia. Então, por isso, nesse filme eu falo com uma bailarina de dança contemporânea que usa muito a vibração do corpo e a nudez como forma de expressão. Falei também com uma drag queen, que tem toda a questão do raspar a sobrancelha e a partir do momento que começou a fazer isso nas suas performances e na preparação até de maquiagem para drag queen, isso teve muita relação com a própria identidade, de drag queen e de Bruno que performa a drag queen. Acho que começou por aí e depois foi se transformando. Ao ponto em que eu comecei a usar uma ideia minha, refletida no vídeo, que depois foi se transformando para uma ideia refletida no vídeo, mas também através do meu próprio corpo.

- Interessante. Uma questão, aliás, a próxima questão. Na performance audiovisual, que tecnologias é que tu usas, qual é o teu Setup, por assim dizer, ou as variações, se tiveres variações.

Sim, começou de uma forma bastante simples, portanto, como antes, era muito mais próximo do cinema, começou muito simples: então, era a Câmara e o corpo com um processo criativo bem aberto. Nesse primeiro filme, por exemplo, eu falava com as pessoas em forma de conversa, só gravava o áudio, e depois eu falava para elas: olha, agora eu gostava que você fizesse uma ação e eu aqui com a câmara gravo, de uma forma bastante livre e de certa forma ia dirigindo a fotografia e a pessoa perfumava.

Depois, principalmente numa videoinstalação que eu fiz em 2018, se não me engano, que eu chamei de 20 e 21, que era a idade que eu tinha. Naquela transição entre 20 e 21 anos. Preparei toda uma sala com uma câmara, uma televisão, uma projeção e materiais orgânicos – argila, água (potinhos com água) e um espelho, e a ideia era principalmente que as pessoas entrassem e primeiro vissem a projeção da vídeo performance que eu já tinha gravado, que era um tríptico, então eu estava passando a argila no meu corpo e nos planos do lado do tríptico tinha close-up do meu próprio corpo com argila secando. Esse vídeo tinha mais ou menos 6 a 7 minutos e ficava em looping e era muito, muito branco, assim, muito minimalista. A sala toda escura com o foco de luz vermelha ao fundo, um som quase meditativo e toda a sala era dividida em 3 partes, com um tecido preto. Quando a pessoa passava para a segunda parte, havia uma televisão. Essa televisão reproduzia o que acontecia na última parte da sala. Nessa última parte da sala, tinha uma câmara em que as pessoas tinham acesso às mesmas ferramentas que eu tive na gravação da vídeo-performance, ou seja, elas tinham acesso a uma câmara que gravava e reproduzia na televisão, tinha acesso a um espelho, tinha acesso a argila, tinha acesso à água para misturar argila, e ao próprio corpo. Então, era uma proposta mais interativa, e aí eu já comecei a incluir alguns elementos, alguns objetos, mais simbólicos. Depois, quando eu fui para a Covilhã fiz uma vídeo performance em que eu usava a lã. Por conta da relação com a cidade da Covilhã, que tem essa relação histórica com a produção de lã. Aí peguei essa ideia da lã, do fio da lã, e do entrelaçar e do tecer para uma performance que eu fiz num espaço abandonado, coberto de vegetação, num canto da cidade. Recentemente é isso, tenho preparado aos poucos também uma outra performance que tem uma máscara feita de espelhos. Eu gosto desses objetos assim. Material técnico mesmo acaba por ser principalmente a câmara e projeções, e passa muito por aí. Também pretendo, mas isso um pouquinho mais a frente, experimentar com módulos no meu sintetizador que conseguem fazer reprodução e sintetização audiovisual. Visual, principalmente, mas isso vai demorar um pouquinho, porque envolve a compra dos módulos e todo o processo que é, pronto, que envolve mais tempo e dinheiro também. Então isso vai ficar um pouquinho mais para a frente.

- Quando tu falas da música eletrónica, tu também produzes e performas música eletrónica ou ainda estás em fase de desenvolvimento?

Então, eu quero incluir, na performance em si, a exploração do som dentro dos instrumentos eletrónicos. O que eu já faço é algo que não tem a ver com isso, que é eu me apresento como DJ. Isso é algo mais em paralelo. Mas como eu comecei a estudar no ano passado os sintetizadores analógicos, modulares, e semimodulares, acabei por me interessar muito por essa construção, por exemplo, de paisagens sonoras, e comecei a pensar muito sobre isso e como isso poderia ser

incluído dentro das performances. Recentemente, também fiz um workshop com uma artista, a Paula Aros Gho, e que eu agora para estou preparando o projeto final desse workshop, que é uma proposta de performance sonora. Basicamente, aquilo são indicações da performance, instruções, que são gravadas com áudio, e qualquer pessoa que tem acesso àquele arquivo de áudio consegue colocar os auscultadores, por exemplo, e reproduzir aquela performance de acordo com o que ouviu no áudio.

É isso.

- OK, mas então, neste momento, a tua prática performativa, ao fim ao cabo, está dividida em duas partes, uma que é mais do vídeo, ou da vídeo-instalação, digamos, e outra, quando é ao vivo, e enquanto DJ.

Sim a vídeo-performance e o DJ por agora estão separados e a minha ideia é que eu os consiga juntar no futuro com esse projeto que eu tenho na minha cabeça.

- Certo. Faz sentido. Eu acho que relativamente a esta pergunta sobre as tuas preocupações, as tuas ideias ou temas que guiam a tua prática artística, creio que está muito relacionada com corpo e não tanto com a presença - agora podes desenvolver partir daqui - não tanto com a presença, mas com a representação do corpo, relacionando-o a essa representação do corpo com ideias sobre a fisicalidade e o género do corpo. Se quiseses desenvolver a partir daqui um pouco mais do que aquilo que que apresentaste no princípio, fica à vontade.

Sim. Eu acho que eu enxergo o corpo como uma ferramenta e como algo possível de ser subvertido. Uma ferramenta que permite subverter alguns conceitos, tanto que a minha pesquisa no doutorado passa muito por isso. Era tentar entender se sim, e se sim, de que forma a videoarte realizada por mulheres artistas e que incluíam principalmente autorepresentação, é possível que isso promova uma certa subversão do género e da conceção do que é ser uma mulher, porque no fundo, lá na década de 1970, muitas artistas fizeram isso com essa ideia, com esse propósito. Claro que, num contexto completamente diferente e principalmente fazendo muita relação, muito paralelo, com a televisão, que era muito mais forte naquela época do que hoje. Isso acaba por influenciar muito o meu trabalho e a minha pesquisa.

Então, acaba por passar até hoje por aí. Eu acho que também eu gosto muito dessa crueza e ao mesmo tempo essa dimensão do real que o próprio corpo traz, tanto para a obra em si quanto para o processo criativo, e até para a relação com Público. Assim como eu enxergo de uma forma similar as próprias ferramentas que são utilizadas. Eu sou muito do universo analógico. Eu gosto muito dos sintetizadores modulares e da textura. Mesmo no cinema eu gostava muito, já no início quando eu entrei na faculdade, já gostava muito da película, da textura da película, depois também da textura do vídeo e dessa imperfeição, dessa textura, dessa estética que acaba por surgir com essas ferramentas e eu acho que faz muito sentido também quando eu trago isso para música e acho que também faz muito sentido relacionar isso com essa fisicalidade do corpo, porque no fundo, eu acho que esse aspeto mais analógico e menos digital dessas tecnologias traz qualquer coisa dessa realidade, dessa fisicalidade também.

Não sei se era bem por aí.

- Sim, até porque ligaste os temas com as tuas outras opções e falaste também um pouco sobre o processo. Se quiseres desenvolver um bocadinho mais sobre o teu processo criativo, como é que tu chegas da ideia até ao resultado, se quiseres até nas duas vertentes, na vertente da instalação de vídeo e na vertente enquanto DJ, se quiseres e se forem diferentes. Agora gere o que tu achas que é mais interessante.

Eu acho que, apesar de serem coisas que para já estão bastante separadas, elas se relacionam muito, porque mesmo quando eu construo um DJ SET, eu tenho a minha visão particular. Eu gosto de contar uma história. Eu também venho cinema, a minha base inicial é o cinema. Então quando eu faço um DJ SET, seja num festival, ou seja, num Club, eu sempre penso em contar uma história em relação com aquele contexto, do espaço, do lugar, se é de dia, se é de noite, é na natureza ou se é num espaço fechado, e também em relação com as pessoas que estão lá. Acho que isso é muito importante também, essa dinâmica com o público e essa leitura do ambiente, mas eu tento sempre contar histórias através das músicas e dos sons e das texturas que vão sendo criadas. Também trago muito dos sons analógicos nos DJ sets e muitas vezes também acabo por me apresentar em lugares em que está também um VJ trabalhando e então acabo por, claro, eu não estou propriamente vendo o que o VJ está fazendo, mas várias vezes eu conheço quem são as pessoas e consigo conversar ou pelo menos trocar alguma ideia sobre qual é a ideia da pessoa. Acho que esse trabalho também é mais uma leitura do ambiente, do espaço, da, enfim.

Fugi um pouco da pergunta, mas era uma tentativa de relacionar as coisas. O processo criativo de um DJ set, passa muito por isso que eu falei. O processo criativo da videoinstalação que eu fiz nessa galeria especificamente é novo. Eu fiz muito sozinha. Acho que foi uma oportunidade muito boa também ter tido uma sala para poder trabalhar sozinha para fazer o que eu quisesse montar naquela sala. Então eu consegui desenhar, imaginar como seria o espaço. Consegui fazer exatamente aquilo que eu pensava na minha cabeça. Fiz um rascunho e pensei como seria a experiência do público, porque eu acho que as pessoas que vão interagir com aquilo - eu sempre penso qual é que vai ser o resultado - mas tão importante quanto, eu também penso como é que as pessoas vão absorver aquilo, seja num DJ Set, ou seja numa videoinstalação, numa videoperformance, numa videoarte, como aquilo vai ser absorvido pelo público. Então tanto no Telos, que foi um filme documentário experimental que eu fiz sobre o surgimento do mundo a partir da mitologia de Gaia, tem alguns simbolismos a partir dessa ideia do feminino que eu gosto bastante. Eu convidei também uma amiga para fazer uma performance que sobrepus com as imagens do vídeo e, nesse filme, por exemplo, eu sonhei com as imagens e eu consegui reproduzir exatamente aquilo que eu tinha imaginado, mesmo sem ter ideia de como que eu ia fazer certos efeitos, certas coisas e foi tudo muito cru, não fiz nenhum efeito em pós-produção, foi tudo mesmo na câmara, mudando a velocidade, mudando todas essas configurações básicas da câmara. Eu queria mesmo isso porque eu gosto muito daquela forma mais crua mesmo, de olhar para o material e pensar OK, que é que eu posso mudar aqui, e a partir de aqui surtir esse feito e saiu exatamente do jeito que eu imaginava. Na videoinstalação também saiu assim, 98% da forma que eu imaginava, não saiu 100% por algumas questões técnicas, de espaço, e de material. E claro que dependendo da experiência da pessoa, do material que se tem disponível e do orçamento que tem disponível, isso afeta muito o resultado final. Eu acho que saiu muito parecido.

Eu acho que isso também é um resultado do trabalhar bastante sozinha e de ter aquele controle que acaba por ter no processo criativo. Eu pesquiso muito também no processo criativo, eu leio

muito, pesquiso tanto música, referências sobre conceitos que às vezes nem são tão centrais assim, mas que estão adjacentes e que podem me trazer alguns insights, algumas coisas que sejam interessantes. É muito por aí assim.

- Agora eu levava a entrevista para um contexto mais genérico, ou seja, mais do contexto atual, para saber a tua opinião. Ora bem, a tua investigação e a tua prática têm cerca de 10 anos, mais coisa, menos coisa, e por isso, que alterações tens visto, se é que há alguma grande alteração entre o que era o contexto do audiovisual, no sentido genérico, se quiseses, ou mais específico, como quiseses direcionar a pergunta. Se há uma diferença muito grande ou se há um contínuo, se não há assim tanta diferença quanto isso. O que é que tu achas?

Eu acho que, e claro, é a minha perspetiva, muito recente também.

A minha perspetiva, já agora muito influenciada sobre a minha experiência de ter estado até 2018 no meu país, no Brasil. Então, eu acredito que a prática artística lá seja assim. Todas as áreas que eu me relacionei é diferente também em termos tecnológicos e de propostas se comparado com a Europa no geral. O que eu vivi e percebi é que no Brasil naquela época existia a tentativa de criar essa relação muito próxima com o Público de forma imersiva e interativa, mas partindo de alguns inputs tecnológicos que hoje talvez seria muito mais fácil e que talvez aqui em alguns países, por exemplo, eu cheguei a ir, acho que foi no ano passado, se não me engano, no Next Museum Amsterdão, em que quase todas as obras eram obras audiovisuais de interação com o Público e quase todas com inteligência artificial.

Eu também venho de uma cidade que é a capital do meu Estado, mas também não é nenhuma grande São Paulo, então provavelmente em São Paulo, que é uma cidade no Brasil que já está muito mais evoluída em termos tecnológicos, e já devem ter vários museus em que a existem obras que têm muita imersão, muito interessante, muita síntese e personalizada, por assim dizer, para o público que assiste. Mas acredito que isso aconteça de forma muito mais rápida na Europa e percebi isso assim, indo nos museus em alguns países aqui.

Na minha opinião, do que eu vejo, do que eu já experienciei nesses últimos tempos, e o que eu vejo acontecer muito rápido é, claro, essa relação com a inteligência artificial. Eu acho que isso é inevitável e que permeia não só a performance audiovisual, mas muitas obras em várias vertentes da arte. Eu acho que a inteligência artificial até - eu fui em alguns festivais no ano passado e nesse ano e até a proposição dos VJs sendo feitos com base em vídeo gerados por inteligência artificial - foi muito maior neste ano. Então acho que isso também vê-se muito mais frequente ao mesmo tempo que vê-se uma evolução também cada vez maior, ou seja, de 10 anos para cá. Eu não via tanta utilização de inteligência artificial, já havia alguma, mas não havia tanta. Depois fui vendo cada vez mais frequência e agora, num curto espaço de tempo, vejo essa ferramenta e as suas ramificações, das suas possibilidades, ficando cada vez mais afinadas e rebuscadas num espaço de tempo muito, muito, muito pequeno.

Eu particularmente, sendo uma ávida fã dessa estética mais analógica, dessas texturas, eu não sou grande fã da inteligência artificial no meu trabalho, mas eu gosto muito de conhecer. Já vi trabalhos interessantíssimos que usam inteligência artificial de jeitos muito diferentes, muito particulares, assim que eu gostei bastante, só não para meu trabalho, mas já vi muita coisa interessante, sim.

- Isso é bom. Se calhar na continuidade, perguntava-te se gostarias de destacar trabalhos de referência: trabalhos, livros, performances, referências de referência, por assim dizer.

Eu acho que para o meu trabalho, aquelas artistas-chaves que eu comentei, com certeza elas acabam por ser a maior influência. Em termos teóricos, a Judith Butler e tudo que vem ali junto acaba por influenciar muito sobre essas questões que dialogam com o género e com o corpo. E antes disso, a Simone de Beauvoir e depois tudo o que eu já pesquisei na minha tese. Em termos de artistas, eu acho que a Carolee Scheemann, a Joan Jonas, a Ana Mendieta justamente por essa relação com o orgânico e com a natureza. A Letícia Parente também acaba por influenciar muito. A Joan Jonas por aquelas experimentações de vídeo em tempo real e o feedback do vídeo. Também influencia muito a Mariana Barros, que é uma artista brasileira que reside em Portugal já há alguns anos. Acredito que ela ainda mora em Portugal, a Mariana Barros é uma performer muito interessante que às vezes trabalha com um vídeo, às vezes não. Acho que é isso. Bom, em termos de movimento artístico, o que mais influencia é o conceito do movimento Fluxus. Desde que eu aprendi, há muitos anos atrás, sempre foi uma coisa que me influenciou inclusive a forma de olhar para as obras, para as coisas, para o meu próprio processo, para o processo de outros artistas e dialogar com as obras. O próprio olhar para as coisas, olhar para o que acontece e para o entorno, para as pessoas, para relações das conversas de forma atenta é sempre uma referência, porque eu acho que a vida acaba por ser essa referência para o que eu queria.

Eu sou muito influenciada pelo que eu vivo, pelo que eu vejo, pelo que eu sinto, pelo que eu experiencio. Então acho que isso é extremamente... algumas cidades, por exemplo, para mim, influenciam, de forma bastante forte. Tanto que quando eu estive na Covilhã, eu fiz aquela videoperformance que tinha muito a ver com a cidade, porque era aquilo que eu estava vivendo, mas ao mesmo tempo eu fiz um paralelo com o momento político em que o Brasil estava vivendo. Então, a vida também é uma grande referência para mim. Eu não consigo deslocar a minha experiência de vida política enquanto pessoa, enquanto mulher, enfim, deslocar isso do que eu quero artisticamente. Mesmo nos DJ Sets, se eu vou num festival e eu sinto determinada coisa ou ouço determinados sons ou determinadas texturas, determinadas características, vai ter um pouco disso no próximo DJ Set que eu fizer. Vai ter um pouco dessas referências, um pouco desse som, dessas texturas, às vezes um instrumento que eu pensei “olha isso”, então eu vou buscar músicas que tem esse instrumento e colocar isso. Então acho que isso também é uma grande referência, claro.

- Sim é uma forma de ir buscar referências e prestar atenção. Mais coisas, agora uma coisa que queiras acrescentar que nós ainda não falamos. O que é que ficou por falar? O que é que ficou por perguntar da minha parte, talvez.

Eu não sei e não faço ideia.

- Eu acho que mesmo sem fazer todas as perguntas, porque não há necessidade, acabaste por tocar em quase tudo o que eram as perguntas que eu tinha preparado. Por isso estava a fazer esta pergunta que era, ok, o que é que eu me esqueci e que pode ser importante para conhecer o teu trabalho?

Acho que não tem, não, não tenho mais nada. Sim, eu acho que o meu trabalho, é muito isso, é muito partindo das experiências do que eu vivo, do que estudo. Começou com o cinema e dá para ver muito claro a influência do cinema no início. Depois a influência dessa performance dos anos 1970 e da e da videoarte, etc. em seguida, e agora esta tentativa de misturar tudo o que eu vou fazendo e estudando de novo. Acho que foi um bom resumo. Não deixei nada muito de fora.

- Nesse caso, obrigada, Anna, pelo tempo e pela disponibilidade para a entrevista, e terminamos a entrevista.

Obrigada.